

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DO AUTISTA

THE PSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTION IN THE TEACHING PROCESS LEARNING OF THE AUTISTA

LA INTERVENCIÓN PSICOPEDAGÓGICA EN EL PROCESO ENSEÑANZA APRENDIZAJE DEL AUTISTA

Luciano Dias de Sousa

Mestre em Cognição e Linguagem e Docente na UEMG.

Adriano Simioni Alvim

Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Minas - FAMNAS/Muriaé e em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais FAFIE/UEMG. Especialista em Educação, Psicologia Clínica e Psicologia Hospitalar.

Karla Rocha Borges

Graduada em Direito pela Universidade Iguazu - Campus V - Itaperuna (2001), doutoranda em Ciências Jurídicas e Sociais pela UMSA - Universidad Del Museo Social Argentino, na cidade de Buenos Aires, na Argentina, em convênio com a Escola Superior de Justiça - ESJUS, Mestre em Direito Público: Políticas Públicas e Processo, pela Faculdade de Direito de Campos/RJ - FDC/UNIFLU.

Lucas Borcard Cancela

Mestre em Pesquisa Operacional e Inteligência Computacional pela Universidade Cândido Mendes. Com especialização em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ (2011). Graduado em Ciência da Computação pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE (2005).

Vidigal de Andrade Vieira

Possui Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); e, Doutorado em Ciência e Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ).

Resumo: O presente artigo tem o enfoque o estudo da atuação do psicopedagogo frente às crianças com TEA - Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de um trabalho qualitativo, realizado por meio de leitura pertinente ao tema. Este estudo vem abordar como a atuação do psicopedagogo pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos educandos com Autismo através de uma adaptação curricular, mudança de atitude e dedicação através da docência.

Palavras-Chave: psicopedagogo; aprendizagem; autismo.

Abstract: This article focuses on the study of psychopedagogical behavior in children with ASD - Autistic Spectrum Disorder. This is a qualitative work, carried out through reading pertinent to the theme. This study addresses how the performance of the psycho-pedagogy can contribute to the teaching-

learning process of learners with autism through a curricular adaptation, change of attitude and dedication through teaching.

Keywords: psychopedagogues; learning; autism.

Resumen: El presente artículo tiene el enfoque del estudio de la actuación del psicopedagogo frente a los niños con TEA - Trastorno del Espectro Autista. Se trata de un trabajo cualitativo, realizado por medio de lectura pertinente al tema. Este estudio viene a abordar cómo la actuación del psicopedagogo puede contribuir con el proceso de enseñanza-aprendizaje de los educandos con Autismo a través de una adaptación curricular, cambio de actitud y dedicación a través de la docencia.

Palabras clave: psicopedagogo; aprendizaje; autismo.

Introdução

Segundo Batista e Enumo (2004), a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais, em destaque retratados os alunos autistas, tem sido um tema atual no meio da educação, muito vem se falando e pesquisando diante de tal. A inclusão escolar tem por objetivo inserir, sem distinção todos os educandos, com variados graus de comprometimento cognitivo e social. Para ser de fato um processo de inclusão, deve ser realizado em uma escola regular; onde o objetivo central da inclusão é diminuir ao máximo os preconceitos e evitar o isolamento social, que é característica marcante desse transtorno, pois esse processo permitirá que o educando adquira novas habilidades em meio a seus pares.

Segundo Mittler (2003), a inclusão tem por objetivo garantir a todas as crianças o direito de fazer parte de um grupo, de uma comunidade e de um sistema educacional que lhe ofereça oportunidades iguais as das demais crianças, aqui compreendidas como “normais”.

A escola tem um papel crucial no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos autistas possam desenvolver capacidades de interagir e integrar com todas as crianças. O trabalho de interação, seus objetivos e metas e a modificação da ambiência devem ser feito juntas com trabalhos que envolvam novas aprendizagens, cuidados pessoais, vida social e lazer. Todo esse trabalho conjunto vai ajudar muito no desenvolvimento autista. Amy (2001), afirma a importância de uma educação que seja voltada para a percepção, imitação e motricidade, pois essas são ferramentas essenciais para a comunicação desses.

O trabalho com autista é de fundamental importância para seu desenvolvimento, mas não podemos negar também que não é um trabalho fácil de realizar, até mesmo porque existem níveis diferentes de autismo, cada um com suas especificações e peculiaridades. Nesse sentido, o presente trabalho busca realizar uma revisão bibliográfica com base em textos, artigos, trazendo ideias de autores que discutem o tema, e fazem referências ao autismo e ao processo de aprendizagem deste.

Autismo: conceitos e definições

O termo autismo vem do grego *autós*, que significa “de si mesmo” e foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia.

Segundo Cunha (2015, p.20) “o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas.”

Para Lüdke (2011), foi o teórico Kanner distinguiu dois quadros em relação ao autismo: Autismo da Infância Primitiva e Autismo grave, este último teria como características atraso no desenvolvimento da linguagem, repetições obsessivas de certas atividades por longo tempo, extremo isolamento social, dificuldade em estabelecer vínculos, presença de certas habilidades exercidas como mais destreza.

De acordo com Menezes (2012, p.39), várias nomenclaturas foram usadas para definir o autismo, entre elas, as mais comuns utilizadas pelo DSM IV são:

Autismo clássico: pessoas que apresentam a grande maioria ou a totalidade das áreas do desenvolvimento afetadas de forma significativa; Autismo de alto funcionamento: pessoas que apresentam as características do autismo, no entanto com capacidade de memorização notadamente acima da média [...]; Transtorno do espectro autista (TEA): termo utilizado para se referir a pessoas que apresentam diferentes variações de autismo, com um leque de gravidade no conjunto de sintomas [...]; Autismo infantil: crianças que apresentam inaptidão para estabelecer relações

normais com o outro, atraso na aquisição da linguagem sem valor comunicativo [...]; Transtornos invasivos do desenvolvimento: pessoas com autismo, e também transtornos desintegrativos, Síndrome de Rett e Síndrome de Asperger.

Ainda Menezes (2012), as manifestações do autismo podem ser agrupadas com base na tríade de características: Interação social, esta característica pode ser notada desde muito cedo, durante a amamentação, quando o contato ocular com a mãe-bebê é intenso, quando não se adaptam bem ao colo materno, mantendo-se rígidos ou flácidos, quando maiores raramente interagem ou brincam com outras crianças; Comunicação, a criança com autismo apresenta atraso ou falta de aquisição da linguagem; Comportamentos e imaginação, crianças portadores de autismo apresentam uma gama de comportamentos inadequados, apresentam apego e interesses à rotina e uniformidade de atividades cotidianas.

Embora essas sejam características marcantes do autismo, em cada indivíduo poderá se apresentar com intensidades diferentes. Sendo assim, em algumas crianças podem ser notadas desde o nascimento, já em outras, podem ser mais sutis e só se tornarem visíveis ao longo do desenvolvimento.

Como já visto, as características do autismo afetam a comunicação, interação e uso da imaginação. Com base nessa tríade Cunha (2015), destaca atitudes comportamentais que servem como grande instrumento de averiguação, e identificação:

Retrair-se e isolar-se das outras pessoas; Não manter contato visual; Resistir ao contato físico; Resistência ao aprendizado; Não demonstrar medo diante de perigos reais; Não atender quando chamada; Birras; Não aceitar mudanças de rotina; Usar as pessoas para pegar objetos; Hiperatividade física; Agitação desordenada; Calma excessiva; Apego e manuseio não apropriado de objetos; Movimentação circulares no corpo; Sensibilidade; Estereotípias; Ecolalias; Não manifestar interesse por brincadeiras (Idem, 2015, p.28).

Outra característica marcante das pessoas com autismo é o aspecto sensorial, que pode afetar um sentido os demais e, podem ser mais ou menos intensos em cada um. Esse é um fator muito importante, pois, às vezes a criança se encontra muito agitada, entra em crise e se desregula tudo devido ao distúrbio sensorial.

O TEA pode ser classificado como leve, moderado e severo, sendo assim cada indivíduo acometido pelo transtorno terá suas próprias características. Alguns podem encontrar dificuldades na escola, outros em simples atividades de vida diária, como por exemplo, se vestir; outros ainda podem levar uma vida “normal” enquanto outros irão precisar de apoio ao longo da vida.

O autismo é uma condição permanente. A criança que nasce autista vai ser um adulto com autismo, porém, cabe a nós, procurarmos uma forma de melhorar a condição dessas pessoas, ajudando-as a se tornarem os mais independentes possíveis como qualquer ser humano, cada pessoa com autismo é única e tem seu direito e capacidade de aprender. É um transtorno do desenvolvimento que se manifesta antes dos três anos de idade e, é mais comum em meninos do que em meninas e não necessariamente é acompanhado de comorbidades.

Os princípios de diagnósticos mais utilizados para classificação do autismo encontram-se no Manual de Diagnóstico e de Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria (DSM – IV), e a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, CID-10. É importante ressaltar que o diagnóstico deve ser realizado por um profissional especializado, um médico neuropediatra ou um psiquiatra especializado, que precisam ter conhecimento suficiente para reconhecer e diagnosticar o transtorno e fazer a intervenção adequada e o encaminhamento correto.

Em suma, os autistas são seres únicos, com identidade própria, com manifestações variadas e que devem ser vistos com um olhar diferenciado, considerando de suma importância para seu desenvolvimento a inclusão no espaço educacional, para que possam vivenciar diferenciadas experiências que colaborarão no seu desenvolvimento.

Síndrome de Asperger

A Síndrome de Asperger (SA) é um transtorno ainda em estudo, pois o mesmo apresenta características que podem ser confundidas com o autismo clássico ou até mesmo com outro tipo de deficiência ou transtorno. A SA é também conhecida como desordem de Asperger, uma síndrome de espectro

autista, diferenciado do autismo por não comportar nenhum atraso ou retardo global no desenvolvimento cognitivo ou da linguagem do indivíduo. A validade do diagnóstico de SA como condição distinta do autismo é incerta, tendo sido proposta a sua eliminação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), sendo fundida com o autismo.

A SA é mais comumente apresentada no sexo masculino do que no feminino. Quando adultos muitos podem viver de forma comum como qualquer outra pessoa que não possui a síndrome. Há indivíduos com Asperger que se tornaram professores universitários, como Vernon Smith, “Prêmio Nobel de Economia” em 2002.

O termo Síndrome de Asperger foi primeiramente utilizado por Lorna Wing em 1981, num jornal médico que pretendia desta forma homenagear Hans Asperger, um psiquiatra e pediatra austríaco, cujo trabalho não foi reconhecido internacionalmente até a década de 1990. No entanto, a síndrome foi reconhecida pela primeira vez no DSM, na sua quarta revisão, em 1994 (DSM-IV). Segundo o CID-10:

A síndrome de Asperger é um transtorno de validade nosológica incerta, caracterizado por uma alteração qualitativa das interações sociais recíprocas, semelhante à observada no autismo com um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Ele se diferencia do autismo essencialmente pelo fato de que não se acompanha de retardo ou deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo. Os sujeitos que apresentam este transtorno são em geral muito desajeitados. As anomalias persistem frequentemente na adolescência e idade adulta. O transtorno se acompanha por vezes de episódios psicóticos no início da idade adulta. Este transtorno também é conhecido como psicopatía autística ou transtorno esquizóide da infância (2000, p. 369).

Apesar do transtorno ou síndrome ter algumas diferenças em relação ao autismo, seus sintomas por vezes, se assemelham a este, pois um dos principais é a dificuldade de interação social, busca pelo isolamento e olhar “perdido”. Além destes, pode-se observar a presente falta de empatia, interpretação muito literal da linguagem, dificuldade com mudanças, perseverança em comportamentos estereotipados. No entanto, isso pode ser conciliado com desenvolvimento cognitivo normal ou acima da média.

Em meio aos grandes nomes e personalidades da História que possuíam fortes traços da síndrome de Asperger, pode-se citar Isaac Newton e

Albert Einstein, o compositor Mozart, os filósofos Sócrates e Wittgentein, o naturalista Charles Drwin, o pintor renascentista Michelangelo, os cientistas Stanley Kubrick e Andy Warhol e o xadrezista Bobby Fischer.

O diagnóstico da SA é complexo em virtude de que mesmo através do uso de vários instrumentos de avaliação ainda não há um exame clínico que o detecte. Os critérios de diagnóstico podem ser avaliados sob o CID-10 ou através dos estudos e critérios apontados por Peter Szatmari e Critério de Descoberta de Attwood e Gray.

Entretanto, há ainda controvérsia de SA ser um transtorno distinto ou se é equivalente ao autismo de alta funcionalidade, ou mesmo a outras condições.

A partir desse panorama, em 2010, a American Psychiatric Association divulgou a proposta para o DSM-V, onde a síndrome de Asperger desaparece como diagnóstico distinto, passando a estar incluída no autismo.

Estes fatores tornam, portanto, o diagnóstico mais difícil, pois suas características em muito se assemelham com as do autismo, o que poderia contribuir para o risco de facilitar os falsos laudos em termo dessa síndrome.

Psicopedagogia e suas finalidades

A Psicopedagogia tem como finalidade se ocupar da aprendizagem humana, cabe ao profissional identificar e tratar as dificuldades na aprendizagem, proporcionando e oferecendo recursos diferenciados para que o sujeito alcance a aprendizagem.

De acordo com Visca,

A psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender as crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e pela psicologia. Com o decorrer do tempo o que inicialmente foi uma ação subsidiária destas disciplinas, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuidor de um objeto de estudo (o processo de aprendizagem) e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios (1987, p. 33).

Para Santos (2009), a Psicopedagogia possui caráter interdisciplinar, seu objeto de estudo deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico, onde o primeiro considera como objeto o ser humano em

desenvolvimento, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. O enfoque terapêutico considera o objeto a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

O psicopedagogo pode atuar tanto em área clínica como institucional. Segundo o Código de Ética do Psicopedagogo, está expresso no artigo 1º:

A psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos.

Artigo 2º

A psicopedagogia é de natureza inter e transdisciplinar, utiliza métodos, instrumentos e recursos próprios para compreensão do processo de aprendizagem, cabíveis na intervenção (BRASIL, 2011, s/p).

Nesse sentido, cabe ao psicopedagogo identificar e tratar as dificuldades da aprendizagem proporcionando recursos, organizando projetos de prevenção, auxílio, criando estratégias para que se alcance a construção da aprendizagem. Tem ainda como papel trabalhar com todos os envolvidos no processo de aprendizagem, pais, professores, alunos, escola, atuando juntamente como uma equipe multidisciplinar, para que cada profissional em sua abordagem pesquise as informações necessárias para solucionar o problema.

A atividade psicopedagógica tem como objetivos: a) promover a aprendizagem, contribuindo para os processos de inclusão escolar e social; b) compreender e propor ações frente às dificuldades de aprendizagem; c) realizar pesquisas científicas no campo da psicopedagogia; d) mediar conflitos relacionados aos processos de aprendizagem (BRASIL, 2011, s/p).

A intervenção psicopedagógica é de suma importância, pois visará em sua avaliação profissional perceber quais são os estímulos que melhor se adaptam ao educando, estas serão suas ferramentas para desempenhar reforços que contribuam para sanar os pontos de insucesso.

O psicopedagogo deve sempre estar ciente de que cada educando é diferente do outro, então, para cada um terá um olhar diferenciado, observando as necessidades daquele sujeito, observando também as possibilidades que o

educando lhe oferece. É preciso que sejam escolhidos os meios eficazes para tornar o currículo escolar coerente com as necessidades do mesmo.

Outro fator que deve ser observado, é que a psicopedagogia não trabalha sozinha, se faz necessário um trabalho de uma equipe de profissionais, que não fiquem focados somente nas dificuldades, mas sim, que procurem focar possíveis soluções e caminhos. A Psicopedagogia busca revelar os desejos, os afetos, os interesses que ainda estão ocultos na educação do aluno, procurando formas de proporcionar possibilidades educativas, pois, o educando autista é um aprendiz que elabora ideias, ordena ações, faz sincronização entre o funcionalismo psíquico e a capacidade motora, mesmo que num tempo diferente dos demais.

Rubinstein (2009), confirma essa fala dizendo:

O psicopedagogo é visto como, um detetive que busca pistas, procurando selecioná-las, pois algumas podem ser falsas, outras irrelevantes, mas a sua meta é fundamentalmente investigar todo o processo de aprendizagem levando em consideração a totalidade dos fatores nele envolvidos, para, valendo-se desta investigação, entender a constituição da dificuldade de aprendizagem (p.128).

A psicopedagogia busca pautar seu trabalho apresentando a questão da aprendizagem vista sob o olhar do indivíduo que aprende de maneira peculiar, e que de forma subjetiva constrói o conhecimento.

A atuação do psicopedagogo com uma criança autista

O papel do psicopedagogo diante de um quadro de inclusão escolar é de suma importância; pois será ele o intermediário de facilidades e possibilidades de aprendizagens. Ao se pensar na educação de crianças com TEA é preciso ter conhecimentos prévios sobre o transtorno e sobre o padrão normal das demais crianças. Requer a primazia da observação para atingir o verdadeiro caminho do saber, selecionar estímulos que tornem receptiva a prática usada, saber enriquecer o aprendizado, abordar as características da ação psicopedagógica.

Em toda intervenção é necessária a consciência das possibilidades educacionais da criança com TEA, sabendo nortear um currículo eficaz e de

acordo com suas peculiaridades, pois o aluno autista é um aprendiz que a sua maneira elabora suas ideias, ordena suas ações, sincroniza o funcionamento psíquico e a capacidade motora.

Cunha (2015) abordou quatro critérios de mediação psicopedagógica para ser aplicada em crianças com TEA. A intencionalidade, reciprocidade, significado e transcendência. A intencionalidade, se refere ao modo de interação entre mediador e mediado, para que ambos aprendam moldar e interpretar estímulos. Reciprocidade, diz respeito à troca, é um caminho que torna visível o retorno do aprendente ao processo de aprendizagem, é importante o mediador nesse processo procurar recompensar as respostas positivas, pois assim o aprendente percebe que está no caminho certo. Significado, o mediador deve dar significado as ações, o mediado precisa compreender a função, a utilidade de tal ato, de tal objetivo. Transcendência, esta por objetivo promover a aquisição de estratégias que podem servir para diversas situações.

O papel do psicopedagogo vem de ser o auxiliador com um olhar sistêmico, para tentar enxergar ao máximo sua capacidade cognitiva de aprendizado e tornar o currículo funcional para que seja desenvolvida a autonomia do aluno com TEA.

Através do psicopedagogo se fará a eliminação de barreiras e criação de estratégias que muitas vezes são simples, mas que fazem parte da estratégia de ensino utilizada pelo professor regente e que irá possibilitar um currículo que atenda esse aluno.

O trabalho da psicopedagogia não consiste em aplicar somente teorias, em se fazer aprender as teorias, mas sim possibilitar novas formas de aprender, observando o educando, buscando meios pra que se compreenda. A psicopedagogia não se prende nas dificuldades desse educando, mas sim, em estar procurando alternativas de ensinar sobrepondo as dificuldades de aprendizagens apresentadas pelo mesmo.

Para Cunha (2015), o trabalho deve acontecer através da observação, primeiro passo para se atingir os pontos posteriores. A observação permite “selecionar os estímulos que tornam o aprendente mais receptível às práticas pedagógicas. O que o aluno ama o que lhe interessa, seus sonhos e desejos

são baldrames da atuação psicopedagógica. A sua interioridade deve ser priorizada [...]” (Idem, 2015, p 19).

A observação possibilita conhecer os gostos, as preferências, os desejos, e a partir desses detalhes deve ser criada uma linha de trabalho, que também venha acompanhada de afeto e estímulos, para que a aprendizagem floresça a partir do interior do educando, pois, quanto maior for o número de estímulos, maiores e melhores serão as oportunidades de evolução do aprendiz.

Atuar como psicopedagogo, atendendo de maneira efetiva todos os alunos não é uma tarefa fácil, principalmente quando se trata em trabalhar com crianças portadoras de necessidades especiais, especificamente os autistas. O ato de ensinar exige uma série de habilidades e competências do educador, para que este consiga articular fatores individuais, sociais, internos, individuais, externos que influenciam o tempo todo o aluno.

Assim, para que o autista possa ser favorecido pelas práticas pedagógicas é preciso que o profissional esteja preparado para lidar com essa nova clientela, tendo consciência de sua deficiência, mas também de suas habilidades, para que assim possa através de um bom planejamento e de uma boa elaboração de um Projeto Político Pedagógico.

As práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula são desenvolvidas pelos professores e por uma equipe pedagógica que organizem suas práticas relacionando-as com as concepções sobre criança, infância e educação. Essas práticas, entretanto, são reguladas pela escola e por toda a sua estrutura pedagógica.

A educação inclusiva exige a adoção de práticas diferenciadas, não sendo concebidas práticas que se pautem pela homogeneidade e que considerem uma única forma de aprender. Deve-se ainda no processo educacional que as práticas pedagógicas não se limitem apenas a concepção da patologia, mas se volte para o indivíduo, deve se apoiar nas necessidades desses alunos.

Ainda Cunha (2015), uma criança considerada normal aprende por brincadeiras, cria vínculos, adquire habilidades motoras e cognitivas, entretanto para uma criança autista, não é tão simples assim, pois há uma relação

diferente entre o cérebro, os sentidos e as informações, o que acaba por nem sempre gerar conhecimento.

A criança autista não deve simplesmente ser inserida em sala de aula e esperar que seu desenvolvimento aconteça. É importante que ela tenha a oportunidade de manusear os objetos, de conhecer para que servem. Dessa forma, as práticas pedagógicas devem estar voltadas para atividades que causem fascínio no autista, para que assim ele consiga desenvolver suas habilidades de maneira real.

Segundo Bastos (2005, *apud* RIVIERI, 1997, p. 128) o atendimento psicopedagógico deve considerar os seguintes aspectos:

Promover o bem-estar emocional da pessoa autista, diminuindo suas experiências negativas de medo, ansiedade, frustração, incrementando possibilidades de emoções positivas de serenidade, alegria e auto-estima. • Promover a autonomia pessoal e as competências de auto-cuidado, diminuindo assim sua dependência de outras pessoas. • Aumentar suas possibilidades de comunicação, autoconsciência e controle do próprio comportamento. • Desenvolver habilidades cognitivas e de atenção, que permitam uma relação mais rica com o seu meio ambiente. • Aumentar a liberdade, espontaneidade e flexibilidade de suas ações, assim que estiver preparado. • Aumentar sua capacidade de assimilar e compreender as interações com outras pessoas, assim como sua capacidade de interpretar as intenções dos demais. • Desenvolver técnicas de aprendizagem, baseadas na imitação, aprendizagem de observação. • Diminuir aquelas condutas que trazem sofrimento para o próprio sujeito e para os que o rodeiam como as auto-agressões, ações destrutivas. • Desenvolver suas competências comunicativas.

Assim, as práticas pedagógicas com crianças autistas devem estar voltadas para maneiras diferenciadas, é preciso que sejam selecionadas atividades e métodos visuais concretos, pois o visual para o autista é essencial, sendo facilitador no processo de aprendizagem.

O trabalho psicopedagógico deve ser visto como uma ferramenta para ajudar na organização e estrutura cognitiva e comportamental dos indivíduos, sendo necessário intervenções específicas para melhor atender as crianças autistas. Dentre essas intervenções destacam-se dois métodos o ABA e o TEACH.

Segundo Tramuja (2010), a ABA (Applied Behavior analysis – Análise do Comportamento aplicada), de acordo com o manual de treinamento ABA, é um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que tem como objetivo

avaliar, analisar, observar e explicar a associação entre o ambiente e o comportamento humano e a aprendizagem. Esse método pode ser utilizado para ensinar crianças com autismo, sendo usado com base em instruções intensivas e estruturadas, podendo ser utilizado em crianças pequenas.

Para Tramuja, os elementos que compõem o currículo de um programa de ABA são:

- a) Programa de Linguagem Receptiva • Aponta para objetos quando solicitado • Segue instruções de um passo • Aponta para partes do corpo
- b) Programa Habilidades de Imitação • Imita ações motoras amplas • Imita ações motoras finas • Imita ações com objetos
- c) Programa Habilidades de Cuidados Pessoais • Tira as roupas • Usa colher e garfo • Usa o toalete (2010, p. 35-36).

O TEACCH – tratamento e educação para autistas e crianças com déficits relacionados a comunicação - remonta ao início da década de 1960, montado por um grupo no Departamento de Psiquiatria da Universidade de Carolina do Norte com o intuito de atender crianças autistas, esse grupo atuava a partir de uma visão psicanalítica (Idem, 2010).

O TEACCH tem como objetivo

apoiar o portador de autismo em seu desenvolvimento para ajudá-lo a conseguir chegar a idade adulta com o máximo de autonomia possível. Isto inclui ajudá-lo a compreender o mundo que o cerca através da aquisição de habilidades de comunicação que lhe permitam relacionar-se com outras pessoas, oferecendo-lhes, até onde for possível, condições de escolher de acordo com suas próprias necessidades (Ibidem, 2010, p. 41).

Sua meta é o desenvolvimento da comunicação e da independência e sua proposta é analisar e eliminar as causas dos problemas de comportamento. É um instrumento de apoio para ensinar o que vem antes, o que acontece depois, possibilitando o planejamento de ações e seu encadeamento em uma sequência de trabalhos.

Contudo, os instrumentos podem colaborar com o trabalho do psicopedagogo, levando-o a realizar intervenções ativas e positivas no contexto da educação inclusiva de crianças autistas no ensino regular.

Considerações finais

O projeto de inclusão surge como uma forma de transformar a realidade de exclusão até então vivenciada por muitos indivíduos na sociedade. Surge com o intuito de desfazer paradigmas, de criar novos olhares, novos saberes sobre o diferente. A inclusão é um direito de todo o cidadão e deve ocorrer em todos os âmbitos sociais, mas, para que isso se torne efetivo é necessário toda uma reestruturação da sociedade e que sejam fornecidas condições necessárias para a participação plena de seus integrantes.

Quando se pensa em uma escola inclusiva que atenda plenamente alunos com comprometimentos autísticos, pode-se considerar que esta necessita de adaptações curriculares de acessibilidade e adaptações pedagógicas referentes à eliminação de barreiras físicas e metodológicas, porque o universo do autista é totalmente complexo e cheio de singularidades. O psicopedagogo tem papel fundamental, pois irá proporcionar as condições físicas, materiais e de comunicação, como também o apoio ao professor regente e a equipe escolar.

O universo autista é complexo, mas atender e planejar uma ação adaptativa para o autista requer do psicopedagogo não apenas preencher uma lacuna na tentativa de compreender este universo, mas sim, criar pontes para que pessoas com transtorno do espectro autista o seja reconhecida como indivíduo especial, mas como cidadão que assim somos todos nós temos nossas singularidades e complexidades e que merecem se respeitadas.

Faz-se necessário que o psicopedagogo aprenda a se relacionar com a realidade do mundo autístico, pois, nessa relação quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar é o aluno.

Sempre devemos lembrar que aprendemos melhor quando amamos, condição fundamental para a superação das dificuldades de aprendizagem, pois, é através do afeto que somos capazes de chegar em lugares impenetráveis de conteúdos puramente acadêmicos. Enfim, sempre quando procurarmos atender aos interesses do aluno e seus desejos, e nos comunicamos com afetividade, tudo na educação pode ser edificada e os sonhos se aproximarão da realidade desejada.

Referências

American Psychiatric Association (APA). **“Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders”** (DSM-IV, 4th ed., Washington, DC, 1994.

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo: a criança, seus pais e a relação terapêutica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BASTOS, A.M.B.P. A psicopedagogia aplicada aos portadores de T.I.D. IN: CAMARGO JR, Walter. (coord.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005, p. 127-131.

BATISTA, Marcus Welby e ENUMO, Sônia Regina Fiorim Enumo. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em 20 jan 2018.

BRASIL. **Código de ética da psicopedagogia**. 2011.

CLASSIFICAÇÃO de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

LÜDKE, Jacqueline Prates Rocha. **Autismo e Inclusão na educação infantil: um estudo sobre as crenças dos educadores**. Monografia apresentada para obtenção do grau de especialista em Psicologia Escolar Educacional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MENEZES, Adriana Rodrigues Saldanha de. **Inclusão Escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende**. Dissertação de mestrado apresentado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

MITTLER, Peter. Da exclusão à inclusão. In: _____. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Tradução de Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RUBINSTEIN, Edith. **A Especificidade do Diagnóstico Psicopedagógico**. In: SISTO, Fermino Fernandes et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 12 edição. Editora Vozes, 2009, p.127-139.

SANTOS, Denise Morais. **Como a psicopedagogia pode contribuir no tratamento das crianças autistas**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2009.

TRAMUJAS, Joseli Quintana. **A psicopedagogia e a aprendizagem nos transtornos de espectro autista**. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2010.

VISCA, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.